

Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala

Recebido: 13-11-2015
Aprovado: 08-12-2015

(Editoras: Yuderkys Espinosa Miñoso, Diana Gómez Correal, Karina Ochoa Muñoz – Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.)

*Ellen da Silva*¹

A obra em questão é fruto de um longo diálogo de pesquisadoras e militantes que desejavam organizar uma compilação de textos com perspectivas contra hegemônicas geradas nos movimentos de mulheres e feministas latino-americanos. O primeiro esforço concreto neste sentido foi a organização de um encontro sobre feminismo descolonial com o mesmo título do livro na Universidade de Chapel Hill, Chapel Hill, Estados Unidos em abril de 2012.

Neste encontro foi possível identificar a pluralidade dos encontros teóricos e políticos em suas trajetórias e narrativas. A partir das discussões

empreendidas na ocasião o debate tomou forma de publicação e o resultado é a presente obra com um total de 22 textos e 16 pronunciamentos.

Os objetivos centrais do empreendimento já estão evidenciados no título. Está sob escrutínio o feminismo hegemônico, que é notadamente eurocentrado. O input da obra é traçar uma genealogia feminista de conceitos e ideias partindo de elementos da teoria descolonial. Desse modo, a obra aborda a relação entre feminismo e descolonialidade, tentando gerar uma alternativa teórica e política que una as duas teorias. Em consonância com a proposta da obra já há descolonização no título: usa-se o termo Abya Yala - em kuna “terra em plena maturidade” ou “terra de sangue vital” - para designar a região que os espanhóis nominaram América.

¹ Ellen da Silva é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Mestranda em Estudos Comparados sobre as Américas no Centro de Pesquisa e Pós Graduação sobre as Américas- CEPPAC na Universidade de Brasília- UNB, e-mail: ellensilva1990@gmail.com.

Há um esforço de definição do que seria o feminismo descolonial. As autoras entendem essa alternativa como uma proposta de revisão do feminismo branco, burguês e eurocêntrico que universaliza o que é ser mulher a partir da experiência do norte global. As autoras defendem que ser mulher não é uma condição universal ou abstrata, mas que está imbricada profundamente também na categoria de classe, raça e a sexualidade em que a pessoa está.

Outro ponto enfatizado na obra é o mapeamento das fontes nas quais o feminismo descolonial bebeu. Segundo elas, esta corrente parte de alguns debates pautados pelo feminismo hegemônico que são úteis para a análise proposta pelo feminismo descolonial. Mas sua inspiração vem majoritariamente de outras fontes, inspira-se, por exemplo, na crítica à produção norte centrada de feministas pós-coloniais como Spivak. Alinham-se também a algumas críticas do feminismo autônomo no tocante à relação de institucionalização dos movimentos sociais e à dependência que certas políticas desenvolvimentistas criaram em nossas sociedades. Há também o aporte das lésbicas radicais, que nos ajudam a ver a heterossexualidade como chave importante para interpretar as relações de gênero.

O aporte das mulheres negras e indígenas tem grande destaque na obra, uma vez que estes movimentos começaram reivindicando o básico: o reconhecimento de suas tradições. Mas com o desenrolar de suas lutas começou-se a se a consolidar uma produção que pautava uma alternativa a modernidade instaurada pelo colonialismo. As autoras demonstram que ao começar a incorporar a colonialidade do poder como uma chave explicativa, estas feministas supracitadas começaram a defender que o sistema moderno colonial tem uma conexão profunda com os papéis de gênero, a ideologia racista, com a heterossexualidade e a exploração capitalista.

O feminismo descolonial surge nesta confluência de movimentos e ideias. Enquanto as academias do norte debatiam se a modernidade havia sido superada ou não, em Abya Ayla o que efervescia era a crítica desta modernidade na perspectiva latino-americana, a compreendendo como uma racionalidade de organização global profundamente atrelada à conquista. E aqui reside a intersecção com a teoria descolonial.

Por conta da centralidade da teoria descolonial na alternativa feminista sugerida por esta obra, as autoras já na introdução fazem uma breve localização histórica de como a descolonialidade

surgiu no final dos anos 1990, capitaneada por autores como Quijano, Mignolo, Dussel e mais tarde Maria Lugones, Grosfoguel, Catherine Walsh entre outros. Os debates se desenvolveram e multiplicaram rapidamente. Começou-se a questionar a dicotomia civilização-barbárie, a não humanidade dos povos colonizados; a estratificação racial imposta pela colonialidade; a racionalidade científica ser eurocentrada invalidando outras racionalidades não ocidentais e a construção de gênero imposta pela colonização. Sendo assim, começou-se a teorizar sobre a colonialidade do poder, do saber, do ser e de gênero.

As organizadoras reconhecem Maria Lugones, autora do primeiro artigo da coletânea, como uma precursora do feminismo descolonial. Ao aliar a crítica da modernidade a uma perspectiva interseccional derivada de sua experiência com o feminismo negro estado-unidense, ela faz a crítica sobre como o sistema moderno colonial se ampara não só na raça, mas também no gênero e na sexualidade, sendo estas três dimensões impossíveis de ser pensadas separadamente. As autoras ressaltam ainda que a teoria descolonial entrou em uma brecha aberta por resignificações e desconstruções já presentes em muitas produções de teóricas feministas, mas que não necessariamente são citadas pelos teóricos descoloniais.

É perceptível que a proposta teórica e política que as autoras tecem nesta obra torna a crítica descolonial mais complexa na medida em que critica a modernidade em seu caráter androcêntrico, misógino, racista e eurocêntrico. Torna também o feminismo mais abrangente na medida em que inclui a perspectiva de outras mulheres questionando contundentemente o feminismo salvacionista que geralmente é produzido no norte.

A luz dessas informações, o leitor pode ter a impressão que há certa homogeneidade no feminismo descolonial. No entanto, as autoras são enfáticas ao afirmar que, apesar de se configurar como uma reação a outras correntes feministas, o feminismo descolonial não é uniforme, e é exatamente neste ponto que está sua riqueza. Há diferenças no que tange a definição de modernidade, aos marcos teóricos, aos conceitos e a metodologia.

Além da diversidade do feminismo descolonial, outra chave fundamental para compreender a obra é o lugar de fala das autoras. Se para entender os aportes teóricos feministas de diversas correntes ele é importante, as autoras nos convencem que no caso do feminismo descolonial é fundamental. Estas autoras têm uma visão privilegiada e bastante complexa sobre os

fenômenos uma vez que elas têm a teoria e a prática inscritas em si mesmas. Muitas deixaram de ser objeto de pesquisa para se tornar as pesquisadoras. É um feminismo forjado a partir das experiências das feministas lésbicas, afrodescendentes, indígenas, pobres, mestiças e tantas outras que visam uma teoria e prática distinta na América Latina.

Neste sentido essa experiência guiou as organizadoras a selecionar também contribuições que não necessariamente estão nos limites do texto acadêmico. As produções aqui compiladas são textos já publicados pelas autoras, intelectuais orgânicas de movimentos sociais em âmbito local e regional que não tematizam somente as causas feministas, mas, em consonância com seus lugares de fala, tematizam também as pautas de movimentos indígenas, afrodescendentes, camponeses, de trabalhadores, de direitos humanos entre outros. Sendo assim se torna uma preocupação real não produzir teoria sem compromisso político com a transformação social.

No que se refere à organização da obra propriamente dita, ela conta com uma breve introdução, uma apresentação e a seguir é estruturada em cinco grandes eixos. Dentro de cada eixo, os textos são ordenados segundo a sua data de publicação na versão original.

No primeiro eixo “Debates sobre colonialidad do gênero y (hetero) patriarcado”. O fio condutor que liga os textos é um debate sobre conceitos como patriarcado e sistema sexo-gênero e seu surgimento e conteúdo no contexto latino-americano. Temos quatro contribuições: a primeira está no texto “Colonialidad y Género” da já citada Maria Lugones, no qual ela tensiona o aporte de autores descoloniais como Anibal Quijano, demonstrando que a categoria de gênero é tão fundamental quanto a de raça para entender a colonialidade do poder.

A seguir, Rita Segato em “Colonialidad y patriarcado moderno: expansión del frente estatal, modernización, y la vida de las mujeres” faz uma crítica à modernidade e debate como a empresa colonial interferiu na organização das relações de gênero das sociedades pré-intrusão colonial. Em “La epistemología del sur, la colonialidad del género y el feminismo latino-americano” Breny Mendoza demonstra como se forma “a colonialidade da democracia liberal” que articula em si o heterossexismo, o sistema de gênero colonial moderno, o capitalismo e a democracia liberal.

No quarto artigo “El debate sobre las y los amerindios: entre el discurso de la bestialización, la feminización y la racialización” uma das organizadoras da obra, Karina Ochoa, apresenta parte de sua tese de doutorado e analisa como a não humanidade imputada aos povos indígenas estava calcada em uma feminização e no uso de violência genocida extremamente misógina com as populações colonizadas.

No segundo eixo “Procesos constitutivos de la modernidad/colonialidad y experiencias de resistencia” há mais quatro artigos. O fio condutor do capítulo é o questionamento dos pilares modernos coloniais como o direito, a nação, a democracia, o capitalismo e até mesmo o catolicismo. O primeiro texto, de Silvia Rivera Cusicanqui, sob o título “La noción de ‘derecho’ o las paradojas de la modernidad postcolonial: indígenas y mujeres en Bolivia” aborda como o direito ao longo da história boliviana se deu como uma construção moderna patriarcal se renovando sempre sob a máxima de mulheres submissas a homens e indígenas submissos aos colonizadores. A autora aborda ainda como a agenda indigenista se centra na reivindicação da terra enquanto outras pautas ligadas especificamente a luta das mulheres indígenas são deixadas em segundo plano.

Breny Mendoza dá uma segunda contribuição a obra em “Los fundamentos no-democráticos’ de la democracia: un enunciado desde Latinoamérica postoccidental”, na qual discorre sobre como a ideia de nação e de direito surgem do dilema moral da definição se os povos nativos eram humanos ou não. A partir dessa constatação a autora se questiona quem conta como humano hoje e quem não.

Em “La espiritualidad de las mujeres indígenas mesoamericanas: descolonizando las creencias religiosas” Sylvia Marcos reconhecendo os movimentos indígenas como uma das maiores fontes de transformação em Abya Yala, demonstra como as mulheres indígenas lutam por justiça social ao mesmo tempo que reivindicam a criação de uma espiritualidade indígena. O interessante dessa espiritualidade é que ela não é estruturada por dicotomias como as criações da racionalidade eurocêntrica, mas sim por dualismos. É uma forma de racionalidade que não é hierárquica, mas sim complementar e que tem mantido os mundos indígenas unidos ao longo dos séculos.

Natalia Quiroga Díaz fecha este eixo com o texto “Economía del cuidado. Reflexiones para un feminismo decolonial” no qual ela debate o conceito de economia do cuidado e os limites do uso deste na América Latina. Para a autora é preciso descolonizar o conceito e definir o cuidado a partir do lugar de subalternidade que as mulheres negras, indígenas e mestiças têm ocupado no nosso contexto.

O terceiro eixo “Pensando la matriz de opresión desde la apuesta decolonial” conta com sete artigos de autoras como Marisol de la Cadena, Emma Delfina Chirix García, María Teresa Garzón Martínez, Aura Estela Cumes e Dorotea A. Gómez Grijalva. O fio condutor que perpassa este eixo é o de como se dá a dominação nas vidas das diversas mulheres de Abya Yala, em especial a das negras e indígenas.

Em artigos como “Nossos feminismos revisitados” da brasileira Luiza Bairros há aportes específicos do feminismo negro como o questionamento de como a teoria feminista hegemônica não dá conta da experiência de subalternidade vivida pelas mulheres negras da região.

Dentre os textos que partem da realidade indígena, há o texto anônimo “La pollera como frontera: migración a la ciudad, la universidad y la negociación de la identidad étnico-clasista” que aborda o significado fundamental da roupa tradicional na identidade de mulheres indígenas que saem de suas comunidades para estudar. O texto aborda duas experiências: a primeira de uma mulher que sai da comunidade e opta por usar a roupa tradicional neste novo espaço educacional e é recriminada pelos novos colegas, e a segunda que para se adaptar em um primeiro momento opta por não usar mais a roupa tradicional, mas quando está em uma instancia representativa de comunidades indígenas é repelida por não usar os trajes tradicionais.

O quarto eixo “Debates urgentes sobre feminismo, movimiento de mujeres y descolonización” tem como fio condutor dos textos as discussões centrais que estão nos movimentos feministas da região. Ele também conta com sete contribuições de autoras como Rosalía Paiva, a organizadora da obra Yuderkys Espinosa Miñoso, Ochy Curiel Pichardo, Diana Marcela Gómez Correal e Francesca Gargallo Celestini.

Dentre os textos selecionados para compor esta sessão três tem enfoque na condição da mulher indígena. Dentre eles está a contribuição de Rosalva Aída Hernández Castillo em “Entre el etnocentrismo feminista y el esencialismo étnico. Las mujeres indígenas y sus demandas de género”. A autora demonstra os processos de desenvolvimento do feminismo indígena mexicano, que teve o duplo desafio ao precisar se afirmar perante o Estado para que este reconhecesse sua identidade a partir de um paradigma de nação multicultural, mas que ao mesmo tempo precisou disputar dentro de suas próprias comunidades pela abolição de tradições que oprimiam as mulheres. A autora discorre também sobre os encontros e os embates entre o feminismo indígena e o feminismo hegemônico.

Outra contribuição interessante deste eixo é a da autora Betty Ruth Lozano Lerma em “Aportes a un feminismo negro decolonial desde la experiencia de las mujeres negras del Pacífico colombiano”. A autora critica as elaborações conceituais coloniais do feminismo hegemônico. A partir do lugar de fala das mulheres negras do pacífico colombiano ela propõe ressignificações para as categorias de gênero e patriarcado, demonstrando que estas mulheres subvertem os mecanismos que as oprimem sem se utilizar das categorias centrais do feminismo hegemônico.

O quinto eixo intitulado “Apuestas de otros mundos posibles: pronunciamientos” mostra o engajamento não só teórico, mas político da obra: há 16 pronunciamientos de organizações feministas e de mulheres conhecidas na região.

Para finalizar cabe ressaltar que a obra é muito bem sucedida em definir o que seria o feminismo descolonial e quais os caminhos que este tem trilhado em termos de projeto teórico e político. Ao longo dos artigos nota-se que além de implodir a noção universal do que é ser mulher, o feminismo descolonial tem propostas de como produzir conhecimento e debater metodologias eurocentradas a partir da perspectiva alternativa que está propondo.

A obra merece reconhecimento também por não simplificar relações complexas entre as produções do norte global e o que é feito em Abya Yala. O fato de muitas destas feministas descoloniais estarem posicionadas no norte, produzindo lá, demonstra que assim como o sul não é homogêneo, o norte não é.

Enfim, a obra é uma produção fundamental não só para as pessoas interessadas nos debates feministas, mas enriquece grandemente também as que se interessam nos debates descoloniais. Por seu trânsito fluido entre academia e movimento social ela oferece aportes fundamentais também para o feminismo enquanto luta política, o que torna o texto relevante também fora dos limites do mundo acadêmico.